

CARTAS DO LEITOR EM *NOVA ESCOLA* E *VEJA*: UMA ANÁLISE DIALÓGICA

Maria Teresa Silva Biajoti¹

Resumo: Com base na perspectiva dialógica, oriunda das contribuições do Círculo de Bakhtin, analisou-se nesta pesquisa o gênero carta do leitor veiculado em duas revistas impressas, *Veja* e *Nova Escola*. Assim, a partir de questões levantadas pelo Círculo bakhtiniano, sobretudo as voltadas ao gênero do discurso, este trabalho teve como objetivo discutir, na perspectiva dialógica bakhtiniana, se os diferentes destinatários das revistas *Veja* e *Nova Escola* levariam à variação do gênero carta de leitor, principalmente no que diz respeito a aspectos estilísticos. Assim, pretendeu-se discutir o gênero carta do leitor e a sua relação com a esfera de atividade jornalística, a fim de refletirmos sobre a estabilidade e instabilidade desse gênero. A pesquisa nos mostra que há uma instabilidade no gênero carta do leitor na esfera jornalística, sendo afetado por outros gêneros.

Palavras-chave: Gêneros do discurso. Carta do leitor. Estudos bakhtinianos do discurso.

Resumé: Ce travail est basé sur la perspective dialogique, résultant des contributions du Cercle Bakhtine, cette recherche a analysé le genre lettre de lecteur publié dans deux magazines imprimés, *Veja* e *Nova Escola*. À partir des questions soulevées par Cercle de Bakhtine, en particulier ceux par rapport au genre de discours, cette étude visait à examiner, dans une perspective dialogique bakhtinienne, si les différents destinataires des magazines *Veja* et *Nova Escola* conduirait à des variations du genre lettre de lecteur, principalement en ce qui concerne les aspects stylistiques. Ainsi, nous avons discuté le genre lettre de lecteur et sa relation à la sphère de l'activité journalistique dans le but de réfléchir sur la stabilité et l'instabilité du genre. La recherche nous a montré qu'il y a une instabilité dans la lettre du lecteur de genre dans le domaine journalistique, affectée par d'autres genres.

Mots - Clés: Genres de discours. Lettre de lecteur. Études bakhtiniennes du discours.

1 Introdução

Esta pesquisa, desenvolvida em nível de graduação, teve como objeto de estudo o gênero discursivo carta do leitor. A carta do leitor é um texto publicado em uma seção específica do jornal ou revista através do qual o leitor dialoga com os editores da revista e com outros leitores, geralmente tendo como assunto os próprios textos do jornal publicados

¹ Mestranda em Linguística e Língua Portuguesa na UNESP Araraquara; bolsista CAPES.

em edições anteriores. Para o leitor é o meio de expor seu ponto de vista, comentar, opinar, e criticar, tornando pública sua opinião. Ou seja, a carta do leitor é um gênero da esfera.

Com base nessas considerações, o presente trabalho teve como objetivo discutir, na perspectiva dialógica bakhtiniana, o gênero Cartas do Leitor a partir da análise de *corpus* de cartas de leitores das revistas *Veja* e *Nova Escola*. O *corpus* deste estudo compõe-se de cartas retiradas de quatro edições da revista *Veja* e quatro da revista *Nova Escola*, veiculadas no ano de 2011, nos meses de março, maio, junho e novembro, escolhidas aleatoriamente, totalizando 153 cartas. A escolha desses periódicos se deu a partir da seguinte hipótese: os diferentes destinatários desses veículos (um destinatário mais específico no primeiro caso – o professor e pessoas interessadas em educação – e um mais geral no segundo) levariam à variação do gênero, especialmente no que diz respeito a aspectos estilísticos. A presente pesquisa teve por objetivo investigar a pertinência dessa hipótese.

Assim, pretendeu-se fazer uma discussão sobre os enunciados, o gênero carta do leitor e a sua relação com a esfera de atividade jornalística, a fim de refletirmos sobre a estabilidade e instabilidade desse gênero.

2 Estudos do Círculo de Bakhtin

2.1 Diálogo e Sujeito

Nos estudos do Círculo de Bakhtin a linguagem é caracterizada como dialógica, destacando-se o conceito de diálogo (MARCHEZAN, 2006). Ou seja, “[...]a língua, em sua totalidade concreta, viva, em seu uso real, tem a propriedade e ser dialógica” (FIORIN, 2006, p.18). Assim, todo discurso é constituído levando em conta o discurso de outrem, estabelecendo assim, relações de sentido entre dois enunciados. Portanto, todos os enunciados são dialógicos, sendo todo discurso ocupado pelo discurso alheio (FIORIN, 2006).

Aprofundando-se nesse conceito, o enunciado é criado durante o processo dialógico da comunicação e que deve ser entendido e analisado de uma forma não isolada, isto é, segundo suas relações ideológicas, culturais, sociais, etc. e ainda por atos sociais de caráter não verbal, o que torna cada enunciado único, mesmo que aparentemente idêntico a qualquer outro. Neste processo, existe uma interatividade entre sujeitos falantes. O receptor não é um ser passivo, ao contrário, ao ouvir e compreender um enunciado adota para consigo uma atitude responsiva, quer dizer, ele pode concordar ou não, pode completar, discutir, ampliar, direcionar, enfim, atuar de forma ativa no ato enunciativo (VOLOSHINOV/BAKHTIN, 1979). Dessa forma, o

sujeito bakhtiniano é dialógico pois ele é pensado em suas relações com outros sujeitos que o constituem e são também constituídos por ele, assim, o sujeito se constitui na interação com outros sujeitos.

O enunciado, portanto, é produzido a partir de enunciados anteriores, em forma de resposta, e, ao mesmo tempo, espera novas produções estimuladas pela sua. A linguagem, segundo as noções do Círculo, é um diálogo constante, seja em seus contornos mais óbvios e imediatos, seja em seu caráter mais amplo, do grande diálogo.

2.2 Gêneros do Discurso

Os seres humanos agem em esferas de atividades, e essas esferas de atividades implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Os enunciados são sempre produzidos dentro dessas esferas de ações, e são determinados pelas condições e pelas finalidades específicas de cada esfera. Dessa forma, essas esferas ocasionam o surgimento de tipos de enunciados, que se estabilizam de forma precária e mudam e função de modificações nessas esferas. Assim, podemos dizer que cada esfera de utilização da língua produz tipos relativamente estáveis de enunciados (FIORIN, 2006).

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua — recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais —, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 1997, p.279)

Para Bakhtin, os *gêneros do discurso* são tipos de enunciados relativamente estáveis, caracterizados por três elementos, conteúdo temático, estilo e construção composicional. Dessa forma, sempre nos expressamos por meio de gêneros no interior de uma esfera específica de atividade, estabelecendo uma interconexão da linguagem com a vida social. Os gêneros são meios de assimilar a realidade, assim, novas formas de ver a realidade demandam o aparecimento de novos gêneros ou a modificação dos já existentes, e, ao mesmo tempo, novos gêneros proporcionam novas maneiras de ver a realidade (FIORIN, 2006).

Vale ressaltar que a variedade de gêneros do discurso é infinita, pois a variedade de atividades humanas é também inesgotável, e cada esfera de atividade permite um conjunto de gêneros do discurso que se diferencia e modifica-se à medida que a esfera se desenvolve (BAKHTIN, 1997). Dessa forma, os gêneros estão ligados às situações sociais de interação, e mudanças nessa interação gerarão alterações nos gêneros.

Para o Círculo, os gêneros são “formas relativamente estáveis de enunciado” (BAKHTIN, 1997), ou seja, o termo relativamente implica em algo que é ao mesmo tempo estável e mutável. O gênero é estável porque conserva traços que o identificam e é mutável porque está sempre em transformação, havendo casos em que um gênero se transforma em outro (SOBRAL, 2009). Dessa forma, à medida que as esferas se desenvolvem, gêneros aparecem, desaparecem ou ganham novos sentidos. Para entender a questão da estabilidade do gênero, Sobral parte de outra definição de gênero, sendo “formas e tipos da comunicação discursiva” (VOLOCHÍNOV apud SOBRAL, 2009, p.116). Assim, essas formas são estáveis, pois o ambiente socioistórico requer a cristalização de formas para que não seja preciso reinventar os modos de se falar a cada vez que se fala. Entretanto, como isso ocorre no nível da comunicação discursiva, essa estabilidade é mutável (SOBRAL, 2009).

Dessa forma, estabilidade e mudança estão em uma tensão permanente já que, para o Círculo, não existe o absolutamente mesmo nem o absolutamente novo. O absolutamente mesmo presumiria uma imutabilidade do mundo humano, e o absolutamente novo presumiria sujeitos que conhecem tudo o que existe para poder criar e identificar (SOBRAL, 2009).

2.3 O conceito de estilo

O conceito de estilo está ligado ao enunciado, ou seja, ao gênero do discurso. O enunciado em qualquer esfera da comunicação verbal é individual, e assim, pode refletir a individualidade do enunciador, o seja, um estilo individual. Para Bakhtin (1997) alguns gêneros são mais propícios para refletir a individualidade e outros não são tão propícios ao estilo individual. Os gêneros mais propícios são os literários onde o estilo faz parte do empreendimento enunciativo, já os menos favoráveis ao aparecimento do estilo individual são aqueles gêneros que requerem uma forma padronizada, tais como, documento oficial, notas oficiais e etc (BAKHTIN, 1997).

A ligação entre gênero e estilo é percebida com clareza no fato de que o estilo linguístico é o estilo de um gênero próprio de uma determinada esfera da atividade e da comunicação humana. Para o Círculo o estilo é vinculado às unidades temáticas e às unidades

composicionais, como: tipo de estruturação, tipo de relação entre o locutor e os outros integrantes da comunicação. Assim, “O estilo entra como elemento na unidade de gênero de um enunciado” (BAKHTIN, 1997, p.284).

Brait afirma que o dialogismo está na base da concepção de estilo, ou seja, a relação constitutiva entre interlocutores e entre os discursos que atravessam os enunciados proferidos ou não por esses interlocutores. O estilo também implica qualquer interação, em qualquer atividade da linguagem, e não somente na atividade literária (BRAIT, 2008).

Dessa forma, o estilo vai deixar de ser pensando como uma questão individual, como uma maneira peculiar de um enunciador, e ser pensando a partir da ideia de linguagem como atividade, e a inclusão de questões como esferas de produção, circulação e recepção (BRAIT, 2008).

3 O gênero Carta do leitor

É importante observarmos algumas características das *cartas do leitor*, que constituem o objeto de nosso estudo: é um gênero midiático impresso, que são publicados em espaços destinados em revistas e jornais para que os leitores possam expressar suas opiniões sobre as matérias veiculadas. Essas cartas são endereçadas aos editores, por via postal ou eletrônica, e passam por uma seleção antes de serem publicadas. A carta do leitor encontra-se nos diferentes órgãos da imprensa, podendo receber nomes distintos em cada espaço midiático, como: “Painel do leitor”, “A voz do leitor”, “Opiniões de leitores” e etc. Essas cartas trazem reações de leitores quanto a reportagens veiculadas pelas revistas, abrindo um espaço interativo no qual o ponto de vista de leitores, comentários, críticas, elogios etc., são publicados. Para Chaves (2003) a carta do leitor é um gênero diferente dos outros do jornalismo, como a entrevista, a reportagem, pois há uma diferença quanto à posição enunciativa do locutor. Enquanto os outros gêneros são escritos por profissionais da área, a carta é escrita por leitores, transformando-os em leitores autores.

Dessa forma, neste trabalho, consideramos a carta do leitor como um gênero discursivo de opinião, pertencente a esfera jornalística, porém escrita não por profissionais, mas por leitores.

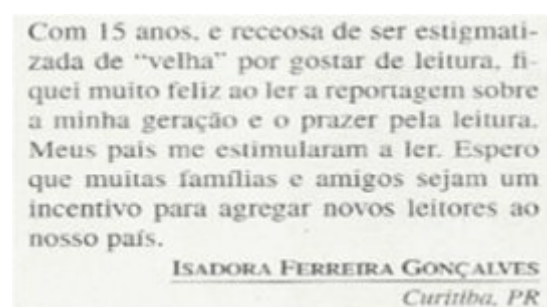
3.1 Cartas do leitor na revista *Veja*

A *Veja* é uma revista brasileira de distribuição semanal publicada pela editora Abril. A revista aborda variados assuntos de abrangência nacional e internacional, como política, economia, entretenimento, ciência e religião.

Podemos entender que a revista destina-se a um público jovem e adulto, com níveis de escolaridade variados, mas que normalmente apresentam escolaridade acima da média nacional, podendo ser considerado como um público de elite. Esse destinatário é que estamos, nesta pesquisa, chamando de “destinatário geral”, para contrapor ao destinatário mais específico da revista *Nova Escola*.

Na carta abaixo da leitora Isadora, podemos confirmar como o leitor da revista, no caso uma jovem, é um leitor instruído que se diz amante da leitura. Nessa carta notamos também que a leitora elogia a revista por uma matéria sobre leitura, e se coloca pertencente a um pequeno grupo que gosta da leitura.

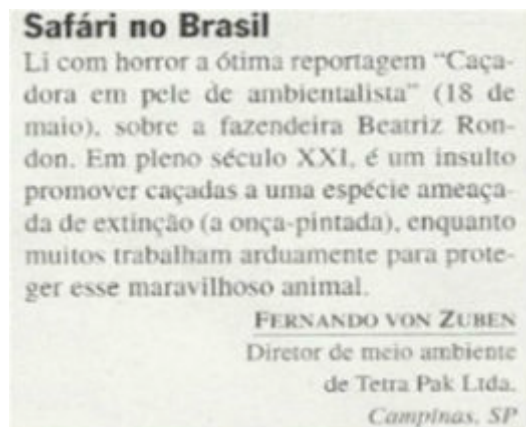
Fig. 1 – Carta 1 (*Veja*, maio 2011)



A característica maior dessa revista é veicular reportagens relacionadas com política, economia, comportamento, religião e outros assuntos sempre polêmicos. As cartas do leitor encontram-se em uma seção fixa chamada “Leitor”, e são organizadas e agrupadas por assuntos mais comentados da edição anterior, através de subtítulos.

Analisando as cartas de leitores das quatro edições da revista analisadas, escolhidas de forma aleatória, podemos notar algumas características. As cartas são acompanhadas apenas pelo nome do leitor e o local; quando o leitor que escreve é alguém influente e com alguma formação reconhecida socialmente, a carta é acompanhada pela profissão e/ou atividade profissional exercida, conferindo certo grau de credibilidade a esse leitor e, ao mesmo tempo, à revista por possuir leitores como tais.

Fig.2 – Carta 2 (*Veja*, maio 2011)



Através das cartas acima selecionadas, pode-se notar um elemento linguístico ausente na carta, o vocativo. O vocativo é substituído por um subtítulo pelo qual as cartas são agrupadas. Nota-se pelas cartas acima que os textos iniciam-se diretamente com o assunto proposto pelo autor, diferentemente do gênero carta em que se espera um vocativo. O que vem a corroborar a teoria bakhtiniana de que cada gênero tem suas especificidades. Essa característica garante uma formalidade e um distanciamento entre o editor e o leitor. Além disso, podemos dizer que a ausência de vocativo torna o enunciado mais adequado à sua publicização, que é o que acontece no gênero carta do leitor.

Nas diversas cartas que analisamos, podemos observar que os autores manifestam suas opiniões sobre a matéria veiculada, uma entrevista, ou simplesmente para elogiar ou criticar a revista como um todo. Pode-se notar que a maior parte das cartas publicadas na revista faz elogios às matérias e à revista, destacando-se, portanto, o uso de adjetivos e expressões valorativas positivas à revista. Quando alguma carta com opinião contrária, ou crítica é publicada, muitas outras cartas enaltecendo a publicação da revista são publicadas. Ueda (2006) chama essa característica de neutralização, como se fosse um recurso para amenizar o comentário crítico.

Entre as revistas selecionadas, podemos notar um exemplo de neutralização na edição de novembro de 2011. O assunto abordado entre cartas trata-se de uma matéria de capa da revista anterior na qual uma personagem de uma novela foi colocada como exemplo de vida. Apenas uma carta fazia uma crítica ao assunto enquanto muitas outras cartas enalteciam a reportagem.

Fig.3 – Carta 3 (*Veja*, novembro 2011)

É reconfortante ver uma revista da influência de VEJA expor, em reportagem de capa, o Brasil da nova classe média, seus valores morais e necessidades. Na Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE/PR) estamos obcecados nos estudos para formular políticas que a torne permanente e amplie sua presença no cenário econômico do país. Para tal, como perceberam, ela precisa também da prática de valores como a meritocracia, a igualdade de oportunidades e, desde já, a diversidade de oportunidades. É o Brasil com milhões de “Griseldas” sem padrinhos e pistolões.

WELLINGTON MOREIRA FRANCO
Ministro de estado
Secretaria de Assuntos Estratégicos
da Presidência da República
Brasília, DF

Fig.4 – Carta 4 (*Veja*, novembro, 2011)

Será que não existe mais ninguém, além de um personagem de novela, que possa servir de exemplo? Se assim for, pobres de nós.

ZULEICA R. DE ARRUDA
Araraquara, SP

Nas análises das quatro revistas selecionadas, o que se vê são respostas ativas explícitas a outros enunciados. Esse gênero analisado é um bom exemplo de relação dialógica, pois, explicitamente, ele se reporta ao “já-dito”.

Fig.5 – Carta 5 (*Veja*, maio 2011)

Sou leitora compulsiva do tipo que tem um livro de cabeceira, um no carro para o momento do trânsito e um na bolsa para todas as horas. Aplaudo VEJA por mostrar a importância e o deleite da leitura (“Uma geração descobre o prazer de ler”, 18 de maio). Que outros mais se juntem a nós.

FERNANDA DOS REIS MEIRELES
Recife, PE

Na carta acima selecionada, pode-se notar a retomada de enunciados “já-ditos” pela revista, a leitora Fernanda elogia a reportagem sobre a leitura. Pode-se notar que a leitora

coloca-se no lugar de leitora assídua, ou seja, ela se identifica a fim de falar com autoridade no assunto, conferindo um direito de falar sobre o assunto. Quando a carta é finalizada com “Que outros mais se juntem a nós”, entende-se que a autora da carta fala de um grupo no qual ela e a *Veja* estão inseridos, os que consideram a leitura importante. Nesse caso, temos também como interlocutor outros leitores.

Pode-se perceber que as cartas analisadas são dirigidas à equipe da revista, quase sempre elogiando, cartas dirigidas indiretamente ao autor de artigos publicados dirigidas a outros interlocutores, como o poder público ou alguma personalidade, frequentemente da esfera política.

Carta dirigida à equipe da revista:

Fig.7 – Carta 7 (*Veja*, março 2011)

Parabenizo a jornalista Ana Claudia Fonseca pela brilhante análise na reportagem “O que eles fariam no poder” (2 de março). Ela conseguiu identificar com muita precisão a agenda escondida que os líderes da Irmandade Muçulmana estão planejando — preencher o vácuo ocasionado pela falta de organização dos jovens nacionalistas nestes eventos de revoluções.

SAMI LEOPOLD GOLDSTEIN
Rio de Janeiro, RJ

Carta dirigida indiretamente ao autor de artigos publicados:

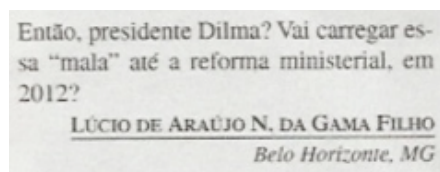
Fig. 8 – Carta 8 (*Veja*, maio, 2011)

Na reportagem “O médico que Darwin não teve” (18 de maio), que trata das causas de morte de personalidades históricas, o correto seria informar que o compositor Wolfgang Amadeus Mozart morreu vítima da glomerulonefrite pós-estreptocócica, e não, como consta do texto, pela ação de “uma bactéria chamada glomerulonefrite”.

JOAQUIM P. MARTINS
Professor de nefrologia
João Pessoa, PB

Carta dirigida a outros interlocutores:

Fig. 9 – Carta 9 (*Veja*, novembro 2011)



3.2 As cartas do leitor da revista *Nova Escola*

A *Nova Escola* é uma revista brasileira, destinada a professores, de distribuição mensal e está vinculada à editora Abril por meio da Fundação Victor Civita. Publicada desde março de 1986, a revista conta com apoio institucional do governo federal, que permite sua venda a baixo preço e distribuição à rede escolar. Como a revista tem como público alvo professores e todos aqueles envolvidos na área de educação, ela tem como conteúdo assuntos como metodologias de ensino, práticas pedagógicas, reportagens que abordam as principais notícias e estudos divulgados sobre a educação no país e no mundo, sempre trazendo em suas seções depoimentos de docentes, notícias sobre a carreira da docência e entrevistas com personalidades importantes em educação, como educadores, pesquisadores e figuras públicas.

Com o slogan “*Nova Escola*, a revista de quem educa”, o periódico deixa claro seu público leitor e se apresenta como “A maior revista de educação do país”, propondo contribuir para a melhoria da qualidade do ensino nas escolas brasileiras.

As cartas dos leitores são publicadas em uma seção fixa intitulada Caixa Postal e são organizadas e agrupadas de acordo com os assuntos mais comentados da edição anterior, através de subtítulos.

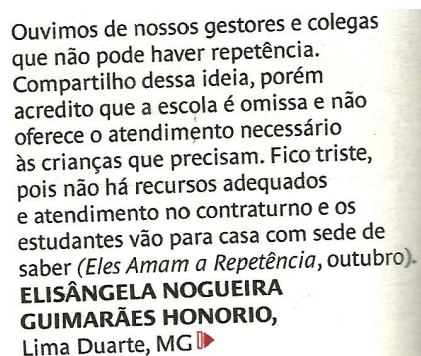
Analisando as cartas de leitores das quatro edições da revista, escolhidas de forma aleatória, podemos notar algumas características estruturais comuns a outras cartas de leitores, como a explicitação do nome do autor e do local de origem. Diferentemente da *Veja*, cujas cartas algumas vezes apresentam a profissão do autor, não encontramos no nosso *corpus* essa característica. Nossa hipótese é que por se tratar de um público leitor mais homogêneo, a edição da revista não explicita a profissão do autor da carta. Na *Nova Escola* encontramos algumas vezes descrito o meio de comunicação pelo qual a carta foi enviada, via *e-mail*, via *site* ou por correio.

Nas diversas cartas que analisamos, podemos observar que os autores manifestam suas opiniões sobre a matéria veiculada, sobre planos de aulas propostos pela revista, manifestam opiniões sobre o que deu ou não certo na sala de aula, ou escrevem para mandar alguma

mensagem de incentivo ou até mesmo para mostrar indignação com os problemas da profissão de professor.

Dessa forma, observa-se que entre as cartas selecionadas temos algumas características pertencentes ao meio de circulação da revista. Algumas cartas são escritas na 1ª pessoa do plural, como, “ouvimos de nossos gestores”, “ficamos frustrados”, marcando uma generalização do assunto tratado na carta, como se o que ele conta ali não acontecesse somente com ele, mas é um problema ou uma característica da classe de docentes. Ao mesmo tempo, podemos dizer que essa forma verbal seja indício de que o destinatário das cartas sejam professores. Dessa maneira, esse gênero de discurso nessa revista é também espaço de compartilhamento de experiências e aconselhamento.

Fig. 10 – Carta 10 (*Nova Escola*, novembro 2011)

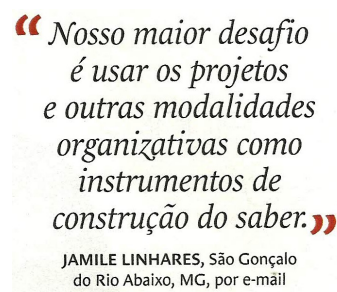


Ouvimos de nossos gestores e colegas que não pode haver repetência. Compartilho dessa ideia, porém acredito que a escola é omissa e não oferece o atendimento necessário às crianças que precisam. Fico triste, pois não há recursos adequados e atendimento no contraturno e os estudantes vão para casa com sede de saber (*Eles Amam a Repetência*, outubro).

ELISÂNGELA NOGUEIRA GUIMARÃES HONORIO,
Lima Duarte, MG

Na carta abaixo, nota-se esse discurso marcado pela expressão “nosso maior desafio”, já que o desafio é generalizado a todos os professores, e não apenas pertencente à pessoa que escreve a carta.

Fig. 11 – Carta 11 (*Nova Escola*, março 2011)



“Nosso maior desafio é usar os projetos e outras modalidades organizativas como instrumentos de construção do saber.”

JAMILE LINHARES, São Gonçalo do Rio Abaixo, MG, por e-mail

Assim, as cartas de leitores da revista *Nova Escola* são fortemente marcadas pelo relato de experiência, ou seja, relatos de como a reportagem ajudou ou pode ajudar nas aulas,

relatos de aulas dadas e situações vivenciadas dentro e fora das salas de aula que exemplificam e que dão mais autenticidade à carta. Podemos perceber como os relatos de experiências vividas são importantes tanto para argumentar como para exemplificar uma opinião. Expressões como “fiz”, “me lembrei”, “no meu município” remetem às experiências.

Fig. 12 – Carta 12 (*Nova Escola*, março 2011)

Inspirada pela reportagem, levei meus alunos para o laboratório de informática, formei grupos e realizei uma atividade de pesquisa de imagens de brigas e lutas. Depois, eles registraram as diferenças encontradas no editor de texto. Assim, foi possível gerar uma discussão que transformou os conceitos dos alunos sobre os dois temas.
NÁDIA RAQUEL DUTRA DE MORAIS,
Barra dos Garças, MT, por e-mail

Como a maioria das cartas é escrita por professores, podemos notar que, em muitas delas, temos o discurso do professor que tem autoridade para falar do assunto, ou seja, ele tem o conhecimento e a experiência na área para falar com credibilidade sobre o assunto. Ou seja, é um sujeito que diz com uma certeza, dando opiniões e até mesmo possíveis soluções.

Fig. 13 – Carta 13 (*Nova Escola*, junho 2011)

PISO SALARIAL
Definir um piso salarial nacional para os professores é importante (*Fala, Mestre!*, maio). Mas a valorização da carreira não se dará apenas com melhores vencimentos. É preciso levar em conta também as salas superlotadas, a falta de recursos e a longa jornada de trabalho. A má remuneração é apenas uma gota num mar de problemas.
ALDEAN ABREU,
Colinas do Tocantins, TO, por e-mail

Fig.24 – Carta 23 (*Nova Escola*, junho 2011)

Para reverter a situação lamentável da Educação Infantil (*Pobres Brasileirinhos*, maio), a solução é investir na qualificação de pessoal, criar um plano de carreira para os profissionais que atuam nesse segmento e estabelecer parcerias com institutos de formação continuada. A pré-escola é a base do Ensino Fundamental. Nessa fase, precisamos assegurar às crianças condições de desenvolvimento cognitivo, psicomotor e socioafetivo.
ELISABETH THAIS DA SILVA,
Uberlândia, MG, por e-mail

Nas cartas acima podemos ver como o leitor opina com autoridade, “Mas a valorização da carreira não se dará apenas com melhores vencimentos”, “a má remuneração é apenas uma gota num mar de problemas”, ou seja, o autor da carta conhece esses problemas que afligem os professores. Na outra carta, o autor oferece uma solução aos problemas

apresentados pela reportagem, “Para reverter a situação lamentável da Educação Infantil, a solução é investir na qualificação de pessoal, criar um plano de carreira[...]”.

Ainda refletindo sobre esse discurso com uma certa autoridade, podemos perceber em muitas cartas que os leitores instruem outros leitores com métodos para a solução de alguma questão, ou até mesmo refletindo sobre a responsabilidade dos próprios professores. Na carta acima, escrita por Elisabeth, podemos notar esse discurso de responsabilidade em “[...] precisamos assegurar às crianças condições de desenvolvimento cognitivo [...]”. Quanto ao discurso que pretende sugerir ou instruir os interlocutores, podemos notar a frequente expressão “é preciso”. Na carta abaixo também temos um exemplo desse discurso, “Cabe a nós cada vez mais buscar formas de melhorar esse quadro”.

Fig. 25 – Carta 24 (*Nova Escola*, novembro 2011)

Enquanto lia o *O X da Questão* de outubro, refleti sobre o contexto em que trabalho. Mesmo envolvendo todos os professores no processo de avaliação, muitas vezes ficamos frustrados com os resultados. Cabe a nós cada vez mais buscar formas de melhorar esse quadro.
REGIANE DOS SANTOS LIMA SOUZA,
São Paulo, SP

Em muitas cartas também podemos observar leitores que escrevem acerca dos problemas enfrentados na docência, “a valorização do professor está longe de ser reconhecida”, “o professor merece e precisa ser valorizado”, quase como um desabafo.

Fig. 28 – carta 27 (*Nova Escola*, novembro 2011)

Existe um grande abismo entre os planos e a prática no que se refere à flexibilidade da profissão, às condições de trabalho e à valorização dos profissionais. Do que valem as reformas educacionais se mudanças radicais não ocorrem? Como mostra Rosa María Torres del Castillo no *Fala, Mestre!* de setembro, o professor merece e precisa ser valorizado.
ROSA ABADE DA SILVA SOARES,
Nova Rosalândia, TO

Entretanto, também temos um discurso de incentivo aos interlocutores, a outros professores ou leitores interessados em educação. Na carta abaixo podemos perceber que o

autor da carta acredita e incentiva, “Mas tenho certeza de que, com a ajuda dos professores, os alunos [...] vão conseguir”.

Fig. 30 – Carta 29 (*Nova Escola*, maio 2011)

Recomeçar é sempre muito difícil,
ainda mais quando se é criança e pouco
se pode fazer para ajudar familiares
e amigos. Mas tenho certeza de que,
com a ajuda dos professores, os alunos
cuja história é contada na seção *Retrato*
do mês de março vão conseguir
superar a tragédia ocorrida por lá.
NILCÉIA GENNARO,
São Paulo, SP, por e-mail

4. Considerações finais

Nas cartas de leitores veiculadas nas duas revistas analisadas, encontramos algumas características pertinentes ao gênero, como a falta de um vocativo ou um chamamento inicial e a substituição desse vocativo por um subtítulo de agrupamento das cartas. Nas duas revistas as cartas são curtas e já se iniciam pelo assunto tratado, normalmente referente às matérias veiculadas na edição anterior da revista. Dessa forma, os assuntos dessas cartas variam conforme as matérias mais comentadas da edição anterior. Na *Veja* os assuntos mais comentados são sobre política, economia e sobre personalidades públicas, e na *Nova Escola* a temática é mais voltada para assuntos educacionais. As cartas das duas revistas são acompanhadas pelo nome do autor e o local de origem. Notamos que as cartas da *Veja* muitas vezes também apresentam a profissão do autor da carta, com a finalidade de dar um certo grau de credibilidade a carta e demonstrar o tipo de leitor da revista. Essa característica não foi encontrada no nosso *corpus* da *Nova Escola*, que apresenta o nome do autor, o local de origem e algumas vezes o veículo pelo qual carta foi enviada.

Encontramos nas cartas da *Veja* muitos elogios à revista, como “parabéns a *Veja*”, “excelente matéria”, “a reportagem me elucidou”, reforçando a ideia de que a revista é indispensável. Dessa forma, a carta é um texto de opinião típico de esfera jornalística.

Nas cartas publicadas na *Nova Escola* encontramos opiniões, aconselhamentos, instruções, desabafos e compartilhamento de experiências, ou seja, nesse caso o gênero é marcado pela esfera pedagógica. Observa-se que as cartas dessa revista apresentam marcas estilísticas como “Nós”, “É preciso”, “Devem”, “O professor precisa”, “Cabe a nós” que marcam as cartas com aconselhamentos, instruções e desabafos, dialogando com o discurso de auto ajuda.

Dessa forma, as cartas da *Nova Escola* dialogam com outros gêneros como de instrução, se aproximando do discurso didático típico da atividade instrucional de professor.

As cartas também dialogam com o gênero confessional e de desabafo, o relato é ao mesmo tempo relato de instrução e relato de experiência que beiram a confissão e desabafo. Notamos que com isso, a carta do leitor nessa revista é um espaço de valorização do professor, o próprio professor e a revista criam uma imagem positiva do professor.

Assim, podemos entender que os aspectos estilístico, composicional e tema não se separam, e que a esfera jornalística é afetada por outros gêneros, nesse caso pela esfera pedagógica em razão da esfera de circulação da revista e do sujeito. Assim, em um futuro trabalho podemos pensar na relação entre o gênero e o sujeito.

RERERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M.M. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fonte, 1997.
- BRAIT, B. *O conceito de estilo em Bakhtin: dimensão teórica e prática*. Artigo 2008.
- CHAVES, A. S. *O gênero carta do leitor; uma proposta de ensino do FLE*. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP- São Paulo, 2003.
- FIORIN, J.L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo, Editora Ática, 2006.
- MARCHEZAM, R. C. Diálogo. In: BRAIT, Beth (org). *Bakhtin: Outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.
- NOVA ESCOLA. (Mar/2011). *15 mitos da educação*. Edição 240.
- NOVA ESCOLA. (Mai/2011). *O desafio de seguir em frente*. Edição 242.
- NOVA ESCOLA. (Jun/2011). *Lição de casa*. Edição 243.
- NOVA ESCOLA. (Nov/2011). *5 estratégias de estudos*. Edição 247
- SOBRAL, A. *Do dialogismo ao gênero*. Campinas, Mercado de Letras, 2009.
- VEJA. (Mar/2011). *Ei, você aí, me dá um partido aí...* Edição 2207.
- VEJA. (Mai/2011). 2038. Edição 2218.

VEJA. (Jun/2011). *As prisioneiras do crack*. Edição 2222.

VEJA. (Nov/2011). *O que é ser normal?*. Edição 2244.

VOLOSHINOV, V. (BAKHTIN, M.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo:
HUCITEC, 1979.